

REDES SOCIAIS ONLINE COMO ESPAÇOS DE MEMÓRIA: UMA VISÃO A PARTIR DA PÁGINA “RECIFE DE ANTIGAMENTE”

Paula Wivian Quirino Dos Santos
Discente de Mestrado em Ciência da Informação – PPGCI - UFPE
santos.santos.paula@gmail.com

João Pedro Silva de Albuquerque
Discente de Mestrado em Ciência da Informação – PPGCI-UFPE
joao.pedro1221@gmail.com

Resumo

Debater as redes sociais online como espaços de memória. Discute-se acerca da reação entre memória e informação pra posteriormente refletir sobre o conceito de memória e sua relação com identidade, sociedade, memória coletiva e espaços de registro de memória. Por fim traz uma análise da página do Facebook “Recife de antigamente” de forma a mostrar, de forma introdutória, como é a dinâmica de um espaço destinado a memória local em um ambiente virtual e global.

Palavras chave: Facebook. Memória. Memória Coletiva. Redes Sociais Online.

1 INTRODUÇÃO

O tema da memória vem, desde o passado, despertando inspiração e curiosidade na humanidade.

Com efeito, através do tempo, o ser humano vem buscando formas de preservar a memória por ele construída. Seja pelos primeiros seres humanos que deixavam imagens nas paredes de suas cavernas para registrar o que se passava no seu cotidiano, seja na atualidade, onde procuramos formas de garantir que o conhecimento produzido não se perca em meio ao dilúvio de informações no qual vivemos, o tema da memória se faz presente na existência da humanidade como uma maneira de garantir que, de alguma forma, o que ela fez ou o que é seja lembrado por gerações futuras.

Esse fascínio pela memória levou o ser humano as mais variadas formas de registro dela. Seja, pela via oral, escrita, visual e agora virtual, a humanidade busca uma forma, mesmo que tácita, de fazer com que a memória siga em frente de uma forma que seja eficiente.

É a partir desta perspectiva que o presente trabalho se propõe a analisar as redes sociais online (RSO) como espaços de memória. Os caminhos das reflexões aqui colocadas levam até a página do Facebook¹ intitulada “Recife de Antigamente”. A página se apresenta como um espaço virtual de compartilhamento de uma memória local, a recifense, em um ambiente teoricamente sem fronteiras e aberto, o ciberespaço.

Por meio da Recife de antigamente é pretendido entender de forma introdutória como é a dinâmica em uma comunidade virtual voltada a memória. Desta forma, será visto se a página gere interesse nos usuários do Facebook, se eles são engajados com o conteúdo da página e quais são as formas de registros presentes nela.

2 MEMÓRIA E INFORMAÇÃO.

Ao falar de memória é necessário discutir o conceito de informação. Os dois termos apresentam relações; com a chamada “sociedade da informação” os dois conceitos

¹ <https://www.facebook.com/>

apresentam mais confluência do que divergência.

Segundo Le Coadic (1994), informação é um conhecimento inscrito, graças a um sistema de signos, em algum suporte espaço-temporal (escrito, oral ou audiovisual), que comporta um elemento de sentido e é transmitida a um ser consciente.

Já de acordo com Monteiro, Carelli, e Pickler (2006), nas áreas da Ciência da Informação o termo memória foi associado ao conjunto das informações que podem ser registradas, ou seja, que podem ser consultados. Desta forma, essas áreas valem-se da memória no sentido de armazenagem e preservação dos saberes, para a posterior recordação por parte da sociedade. Além disso, “diversos termos tendem a ser associados à memória: resgate, preservação, conservação, registro, seleção; sendo a categoria preservação a mais utilizada” (JARDIM, 1995, p.1 *apud* HOLANDA; SILVEIRA, 2010).

Nesse sentido, a ideia da informação como um conhecimento inscrito remete a visão de registro dela (oral, escrito ou audiovisual), tal definição já aproxima o conceito de informação com o de memória, ao menos dentro da Ciência da Informação, uma vez

que memória é associada ao conjunto de informações que podem ser registradas.

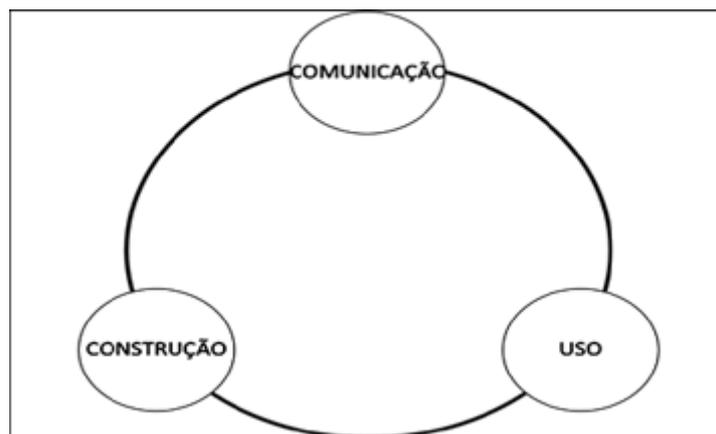
Posteriormente a informação é algo que comporta um elemento de sentido que é comunicado a um ser dotado de consciência. Ao falar de memória em um sentido de preservação para posterior recordação dos saberes pôr da sociedade é possível notar que também é detentora de um elemento de sentido para seres conscientes.

Continuamente, segundo Barros (2005) citado por Monteiro e Carelli (2007), a memória pode ser definida como aquisição, o armazenamento e a evocação de informações. Onde aquisição é também de aprendizado, evocação é também chamada recordação, lembrança, recuperação.

. Por essa perspectiva, podemos enxergar a memória como uma forma de garantir que o conhecimento e a informação produzida não sejam perdidos. Assim, a memória tem a propriedade de conservar certas informações, dado que ela procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro (LE GOFF, 2003).

Estas propriedades do conceito de memória podem ser associadas ao ciclo da informação de Le Coadic (1994), onde a informação passar pelas etapas de comunicação, uso e construção.

Figura 1 - Ciclo da informação (Le Coadic 1994)



Fonte: Le Coadic (1994)

Nesse sentido a comunicação é a etapa em que a memória, inscrita em algum suporte, é evocada. Neste ponto ela é adquirida por algum ser consciente, por meio de sua transmissão ou recuperação para posteriormente ela ser usada. Ao realizar a

aquisição da memória o indivíduo altera seu estado cognitivo por meio do aprendizado, ou seja, o uso da memória. Por fim a mudança do estado cognitivo do sujeito leva à construção de novas memórias, uma vez que ela permite a vivência de experiências socialmente

significativas do passado, presente e da percepção do futuro (FERREIRA; AMARAL, 2004 *apud* MONTEIRO; CARELLI, 2007).

Por fim, Azevedo Netto (2008) coloca a memória como artefato, onde este é elemento produzido pelo homem ou por ele significado. Tal como a informação, que na visão de Pacheco (1995) citado por Lazarrini, Azevedo Netto e Souza (2015), a informação enquanto artefato é um produto de confecção humana, cultural e socialmente aceita, sem existência própria na natureza, passando a ser percebida e estabelecida quando é criada uma relação de significação.

Dessa maneira esta seção buscou apresentar algumas relações existentes entre memória e informação, que são dois conceitos que se relacionam. Contudo este é um forte debate, principalmente na Ciência da Informação, e o intuito deste trabalho não é se aprofundar nessa questão.

Essa discussão foi trazida para o trabalho, pois no ambiente do ciberespaço estes conceitos se misturam como em um caleidoscópio, uma vez que o mundo virtual é um meio impalpável, imaterial e desterritorializado. Justamente porque é um lugar abstrato, invisível e semiótico, onde acontecem fluxos de informações a partir dos mais variados formatos de suporte, como na forma de sons, imagens, textos, entre outros (SILVA NETO; MACIEL, 2010, p.10 *apud* LAZARRINI; AZEVEDO NETTO; SOUZA, 2015).

3 REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA, SOCIEDADE, IDENTIDADE, MEMÓRIA COLETIVA E ESPAÇOS DE REGISTRO DA MEMÓRIA.

A memória possui o seu papel social, uma vez que ela carrega consigo um conjunto de eventos, fatos e personagens que através de sua existência no passado possuem experiências consistentes que estabelecem uma relação de atualidade como o passado (AZEVEDO NETTO, 2008).

Com isto a “memória possui a capacidade de instrumentalizar canais de comunicação para a consciência histórica e cultural, uma vez que pode abranger a totalidade do passado, num determinado corte temporal”

(DIEHL, 2002, p.116 *apud* AZEVEDO NETTO, 2008, p. 156). Deste modo os indivíduos ao interagirem com a memória acabam por incorporá-la na compreensão que têm de si mesmos e dos outros. Eles as usam como veículos para reflexão e autorreflexão, como base para refletirem sobre si mesmos, os outros e o mundo a que pertencem (THOMPSON, 2002).

Nesta perspectiva é que Candau (2011) citado por Passos (2014) dizem que exteriorização é um aspecto de grande importância para memória. Quando a memória é exteriorizada e acessada, por alguém, ela pode atuar como um instrumento de valorização da identidade, cultura e história do indivíduo e de sua comunidade, é como se ela atuasse no próprio estado de conhecimento que o ser humano tem sobre ele e o ambiente no qual está inserido. Assim, transmitir (ou exteriorizar) a memória é mobilizá-la e sem essa transmissão não há nem socialização nem educação (PASSOS, 2014).

Continuamente de acordo com Azevedo Netto (2008) a memória não deixa de brincar com a identidade, então o ato de transmitir a memória acaba por resultar na transmissão de um capital de lembranças e esquecimentos. Sendo assim a transmissão é capaz de fundar as representações de uma identidade coletiva (PASSOS, 2014), ou seja, além de sua identidade pessoal, por meio da memória o indivíduo é imerso em grupos e comunidades que partilham das mesmas memórias que ele, no qual ao mesmo tempo ele é agente construtor e consumidor dessas memórias, como é o caso de uma identidade nacional, por exemplo, uma vez que a identidade pessoal é fortemente vinculada a identidade social, de forma que não se possa pensar uma sem a outra (LIMA, 2012 *apud* CAVALCANTE *et al.*, 2015).

Por conseguinte a perspectiva da identidade coletiva leva a abordagem de outro conceito relacionado a memória que é a memória coletiva, uma vez que de acordo com Halbwachs (1990) cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva pelo fato de que segundo o autor, as lembranças são construídas de forma coletiva em espaços que são compartilhados pelas pessoas.

Imagine um local de sua cidade bem frequentado, uma praça ou um monumento, por exemplo. Cada indivíduo que usufruiu ou conhece esse local, possui uma impressão sobre ele, nesse sentido o local não é formado apenas de uma impressão, mas de uma série delas, uma vez que segundo Halbwachs (1990), os sinais e símbolos que as pessoas atribuem a um espaço vão além do físico garantindo assim a longevidade da memória.

Nesse sentido Halbwachs (1990) coloca que as narrativas individuais e coletivas não se confundem, mas possui um diálogo permanente, o que permite entender a relação entre o indivíduo e o ambiente social no qual ele se encontra. Com isto Halbwachs (1990) coloca à memória coletiva não como um quadro-negro, onde se pode escrever e apagar figuras à vontade, pois, ela é a estrutura e a vida da sociedade.

A partir desta perspectiva de memória coletiva é necessário destacar que a forma como a memória é registrada e compartilhada acaba por influenciar a maneira de como a ela irá se perpetuar ou se será esquecida.

Como primeiro ponto, temos o registro oral da memória. Foi na Grécia Antiga que esse fascínio pela memória nos levou ao aprofundamento da memória oral. Lá que existia a crença de que a deusa Mnemosine, protetora das artes e da história, permitiria os anciões e poetas passassem a memória adiante pela fala, em um estado no qual “toda memorização da tradição poetizada depende da recitação constante e reiterada.” (SMOLKA, 2000, p.169).

Porém, ter a oralidade como a única forma de resgate da memória leva à dependência em algo efêmero, que é lembrado apenas na hora em que é dito. Assim, surge a problemática do esquecimento, dada a efemeridade da memória oral, uma vez que sua transmissão ocorre apenas em tempo real e não tem um suporte em que ela fique registrada para que as pessoas possam consultá-la posteriormente.

Dessa forma, a memória oral acaba se perdendo por não poder ser acessada novamente e não existe a possibilidade de resgatá-la através de um registro, uma vez que ela está retida em um indivíduo. Assim, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima (LEVY, 1998).

Continuamente foi com o advento e a popularização da escrita, que a transmissão da informação e conseqüentemente da memória passou da forma oral para forma escrita, o que, de acordo com Le Coadic (1994), foi o passo crucial para a explosão informacional, pelo fato de que começou a ser permitido à humanidade “exteriorizar primeiro, nas bibliotecas, uma das funções do cérebro humano, que é a memória” (Le Coadic, 1994, p.6).

Nesse sentido de acordo com Le Goff (2003) a escrita ocasiona uma profunda transformação da memória coletiva. Com a palavra escrita, fixada e materializada no objeto semântico livro, a tendência é a de maior preservação da memória (ou menor esquecimento) do que as sociedades clássicas conseguiram se utilizando da retórica e da oratória. Com o livro, o leitor tem acesso à memória coletiva, parte de um processo de disseminação das memórias de outros indivíduos.

Seguindo o caminho da evolução da humanidade e suas formas de registro, armazenamento e compartilhamento da memória, temos que a internet e o avanço das tecnologias da informação trazem um novo espaço para a interação das pessoas com a memória, uma vez que elas funcionam como extensões da nossa memória, porque são técnicas de auxílio à imaginação, ao raciocínio e à comunicação (LEVY, 1993).

Ainda neste sentido, de acordo com Monteiro, Carelli, Pickler (2006) um estudo realizado pela Universidade de Berkeley (USA), estimou que a memória do mundo é eletrônica, porque os estoques (mídias) magnéticos, além de produzir, distribuem as informações produzidas em outras mídias por meio de canais eletrônicos como telefone, rádio, TV e, principalmente, Internet.

Dentro deste universo de novas mídias trazido por Monteiro, Carelli, Pickler (2006), a internet vem se apresentando como o mais significativo, pelo fato de que nela, qualquer indivíduo pode ser ouvido, desde que tenha acesso a rede. Isto permite que um gama enorme de pessoas compartilhem suas impressões, de forma informal e pessoal, sobre um único objeto ou acontecimento, e diferente da memória oral essas impressões ficam registradas no espaço virtual.

Um exemplo da importância dessa memória coletiva e virtual, que está sendo produzida e compartilhada na internet, é trazido pelo trabalho de Henninger e Scifleet (2016), que trazem como exemplo a decisão da biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, de armazenar os *tweets*² como um registro da vida contemporânea. Esta atitude tomada por uma entidade de força e porte que é a biblioteca do congresso norte-americano reforça a visão trazida por Fragoso (2011), de que internet se apresenta como um artefato cultural, em que a rede digital compõe um elemento da cultura, e não uma entidade à parte.

Desta maneira, a internet se apresenta como um novo espaço onde as pessoas registram e compartilham memória do que são e o que elas pensam do mundo. Com isto ela pode ser tanto um instrumento de emancipação, quanto de dominação. Pois, agora temos um espaço de confluência de memórias, concordantes e discordantes sobre um mesmo fato, que vai de encontro ao senso de cada indivíduo do que é certo ou errado.

4 CIBERESPAÇO E AS REDES SOCIAIS ONLINE COMO ESPAÇOS DE MEMÓRIA

De acordo com Castells (2003), o desenvolvimento da internet nos leva para um novo paradigma guiado pela informação, onde a tecnologia mudou as formas de se lidar com ela, no sentido de que agora temos novas maneiras de armazenar, recuperar, processar e comunicar informação.

Continuamente é na internet que a maior parte das informações são produzidas e compartilhadas, é no interior da grande rede que, Castells (2003) nos diz que desenvolvemos nossas principais atividades, econômicas, sociais, políticas e culturais. Além do que a *web* é, ao mesmo tempo, fonte, suporte e sistema de informação descentralizado (VANTI, 2002).

Estas mudanças trazidas pelo desenvolvimento da grande rede de computadores conduzem os estudos relacionados à memória a um novo paradigma

que desafia os cientistas da informação no que tange à forma de como as pessoas estão se relacionando com a memória, já que “a internet está abrindo espaço para novas relações e valores entre as pessoas, disponibilizando um fluxo de informações em diversos níveis, assim como potencializando o acesso a outros mundos, por meio do ciberespaço” (LAZZARINE; NETTO; SOUZA, 2015, p.24).

O ciberespaço se apresenta como um local de interação entre indivíduos que gera uma enorme quantidade de informações em um curto intervalo de tempo. É um espaço onde se realizam não somente trocas simbólicas, mas transações econômicas, comerciais, novas práticas comunicacionais, relações sociais, afetivos e, sobretudo novos agenciamentos cognitivos. É um universo virtual, plástico, fluido, carregado de devires (MONTEIRO; CARELLI, 2007). Dessa forma, a memória que é produzida atualmente pelos diversos usuários que compõem o mundo virtual não é estática, uma vez que ela é uma memória engendrada nela mesma, em tempo real e em contínua transformação (CARELLI; PICLKER, 2006).

Neste sentido as redes sociais online, como um produto do ciberespaço, se tornaram espaços em que as pessoas passaram a efetivar diversas atividades econômicas, sociais, políticas e culturais que lhes são essenciais (WEBER; 2015) e que segundo Levy (1998) irão englobar a maioria das representações e mensagens em circulação no planeta.

Ademais, segundo Marteleto e Vella (2009), nas redes sociais existem diferentes tipos de conhecimentos cotidianos (tácito, vivido, teórico, histórico e prático) que são praticados pelos indivíduos presentes na rede; e o valor que é dado a esse conhecimento surge de um sentido em si mesmo, que é dado pelos atores da rede enquanto agentes de mudança social.

Continuamente como destacado por Recuero (2012) citada por Passos (2014) quando as redes passam a ser digitais permitem dar maior visibilidade ao que é dito.

Com isto, as RSO se tornaram nossa fonte de produção de informação e, conseqüentemente, um espaço para o compartilhamento e depósito das mais variadas memórias, que

² Termo utilizado para nomear as postagens realizadas pelos usuários do Twitter.

podem apresentar na forma de relatos escritos e imagens que expressam nossas opiniões, gostos, sentimentos, medos, apreensões, amizades, afetos, amores, lugares, conquistas, dentre tantas outras questões (DALMASO, 2015).

Isso ocorre devido ao processo de apropriação que é caracterizada como “um elemento típico da cibercultura, que diz respeito ao uso criativo dado pelos usuários, muitas vezes distintos da proposta original dos sistemas” (ZAGO; DA SILVA, 2013, p. 116), ou seja, uma rede social como Facebook, por exemplo, que foi criada a priori para apenas reunir estudantes universitários para formar uma rede virtual, cujo intuito era só conhecer novas pessoas e criar novas amizades, também pode se tornar um espaço para o compartilhamento de memórias que tem haver não só apenas com a particularidade de seu usuário, mas também com local e sociedade em que ele vive.

Por conseguinte a memória que é depositada pelos usuários das RSO pode ser classificada como “efêmera e imediata, compartilhada em tempo real. Esta, que podemos chamar de memória compartilhada, seria uma espécie de memória imediata e ao mesmo tempo mediado pelo espaço virtual, o ciberespaço” (DALMASO, 2015, p. 5).

Além da pluralidade de conteúdos presente nas redes sociais online, ainda existe a questão de que, nelas, a memória não é só construída por um indivíduo, mas pela coletividade, já que elas também são caracterizadas como ambientes onde a informação circula de acordo com os interesses de uma comunidade que partilha certas atividades e age coletivamente (ALVES, 2011), onde continuamente “os indivíduos são envolvidos por uma cultura participativa que torna natural, cotidiana e banal a publicização dessas narrativas que são individuais, mas também coletivas na medida em que são compartilhadas e expostas à interação do outro.” (DALMASO, 2015, p.10).

Dessa forma, dentro das redes sociais online não temos apenas a perspectiva de uma única pessoa sobre um fato ou assunto, temos uma memória construída por diferentes indivíduos, que lá estão colocando suas crenças, visões e sentimentos sobre

determinado conteúdo, temos a memória de um único objeto sendo construída pelas mãos de várias pessoas, e são nesse sentido que os indivíduos se tornam construtores de uma infinita rede narrativa que passa a construir uma memória coletiva em rede, que vai somando camadas de história (DALMASO 2015).

Dessa maneira, um ambiente como o Facebook, permite a construção da memória de fatos importantes que ocorrem fora do ambiente virtual através de informações postadas por diversos usuários da rede, o que permite uma visão holística daquilo que aconteceu e acontece, uma vez que:

[...] uma ou várias pessoas, reunindo suas lembranças, podem descrever muito exatamente os fatos ou os objetos que vimos ao mesmo tempo que elas, e mesmo reconstituir toda a sequência de nossos atos e de nossas palavras dentro de circunstâncias definidas, sem que nos lembrássemos de tudo aquilo (HALBWACHS, 2006, p. 2 *apud* WEBER, 2015, p.89).

Nesse sentido, as redes sociais online podem ser caracterizadas como ambientes de produção da memória (RENDEIRO, 2011). Por ser um ambiente onde várias pessoas podem atuar de forma colaborativa; é possível que através do compartilhamento e interação das lembranças e subjetividades dos indivíduos que compõem esse ambiente virtual, sejam juntados fragmentos individuais de uma memória que é coletiva e dessa forma preenchidas lacunas vazias da memória de um fato ou objeto.

Por conseguinte, a dinâmica do ciberespaço e conseqüentemente das RSO carregam uma memória ressignificada (DALMASO, 2015). A memória do ciberespaço é uma memória líquida e aberta à mercê de ser complementada, moldada e interpretada de acordo com a essência de diferentes pessoas, dona de diferentes perspectivas.

Contudo, é necessário destacar que a memória coletiva presente nas RSO não se compromete com a verdade, uma vez que a comunicação em redes sociais não foge da lógica de mistura e espetáculos, onde os fatos ganham representações virtuais que

transformam todo gesto em evento e toda paisagem em cenário (ZAGO; SILVA, 2013).

Nesse sentido as comunidades virtuais não são apenas lugares de encontro, mas também um meio para se atingir determinados fins. O que se destaca nessas comunidades é a percepção do outro, a uma capacidade de interação desenvolvida pelo indivíduo, a sua capacidade de gerar confiança; reconhecer processos de comportamentos, intenções e valores que compõem o seu meio (COSTA, 2008 *apud* RENDEIRO, 2011).

Dessa maneira as RSO podem servir como chamado por Bauman³ (2015) de “câmaras de eco”, onde o indivíduo escuta apenas aquilo que fortalece sua visão de mundo, trazendo o sentido de que a memória é, antes de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel dele. Ela é mais uma narrativa do que um conteúdo, vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dela (CANDAUI, 2011 *apud* PASSO, 2014).

Nesse sentido, a forma de interação de ambientes como o Facebook, por exemplo, pode isolar o indivíduo, no mundo virtual, ao contato com pessoas que apenas reiteram sua visão através do compartilhamento de memórias que não tem relacionamento com a realidade, mas com os ideais ou a ideologia em que ele acredita. Pois, a noção de memória está transpassada por um universo simbólico dos mais significativos, mediante um processo de representação no qual são criados referentes para sua cristalização nas consciências, quer individuais quer coletivas, aproximando-a, em muito, da noção de identidade (AZEVEDO NETTO, 2008).

Entretanto, por meio da noção da relação entre memória e identidade, trazida por Azevedo Netto (2008), é possível remeter a visão de que as RSO podem ajudar no fortalecimento das identidades locais. Isso se dá pelo o fato da dinâmica de compartilhamento e interação de memórias nas RSO permitirem a construção de uma identidade territorialmente localizada em meio a um contexto de globalização, uma vez que elas têm se apresentado como cenário

facilitador, onde os usuários online fazem uso das ferramentas desses ambientes para comunicar quem são, o que pensam e com o que se identificam. (CAVALCANTE et al, 2015).

Segundo Bellah *et al.* (1985) citados por Henninger e Sciefflet (2016), as comunidades locais são formadas pelas suas memórias compartilhadas e a transmissão dessas memórias é um dos fatores formadores da identidade das pessoas que a compõem. Dessa maneira as tradições e rituais próprios de uma região, não ocorrem à apenas um indivíduo, mas em boa parte deles, é o ato de despertar lembranças de uma memória coletiva (CAVALCANTE et al, 2015).

Assim, as RSO ao permitirem à construção de comunidades virtuais, onde os usuários, que partilham a mesma identidade local, depositam seus registros de memórias em forma audiovisual ou textual e interagem com eles por meio dos comentários, os sites de redes sociais auxiliam a perpetuação e propagação da memória local e conseqüentemente da identidade local. Uma vez que as RSO também podem se caracterizar como espaços de transmissão de memórias, onde ocorrem a sua narração e recontação (PASSOS, 2014).

Destarte as comunidades virtuais presentes em sites de redes sociais como o Facebook, de acordo com seu objetivo, podem ser configuradas como espaços de memória. Existe à versatilidade de como as pessoas que compõem essas comunidades vão expor e compartilhar suas narrativas, se a memória que está presente vai ajudar a emancipar e fortalecer o indivíduo como cidadão e ser social ou fazê-lo se perder em seu próprio universo.

5 PÁGINA “RECIFE DE ANTIGAMENTE”: UM ESPAÇO DA MEMÓRIA RECIFENSE NO FACEBOOK

Como exemplo, de um espaço de memória local no Facebook é apresentada nessa seção a comunidade virtual intitulada “Recife de Antigamente⁴”. Está comunidade é

3

<http://observatoriodaimprensa.com.br/oitv/entrevista-com-zygmunt-bauman/>



4 <https://www.facebook.com/recantigo>

caracterizada como uma página da rede social Facebook e conforme a descrição de seu administrador ela é uma “página dedicada aos amantes do Recife, que gostam de fotos antigas e costumes de antigamente”.

Porém, esta é uma descrição simplista do que realmente à página representa, uma vez que ela comporta uma coleção de memórias do Recife, principalmente em formato visual. O conteúdo presente na Recife de Antigamente é postado pelos administradores da página, contudo, a fonte do conteúdo são os próprios seguidores dela. Os seguidores postam o conteúdo e os administradores que gerenciam a página, publicam as fotos com os devidos créditos ao colaborador. Nesse sentido temos a construção de um acervo de memória online a partir da mão de diversas pessoas.

É interessante destacar que a temática restringe-se apenas a cidade do Recife e não tem um período histórico determinado. É possível encontrar na página postagens que vão desde o início do século XX até o começo dos anos 2000. Outro aspecto dos conteúdos é que eles remetem a variados assuntos como o crescimento urbano do Recife, cotidiano, vestuários, transportes, esportes e momentos históricos como a chegada do *zeppelin* a cidade do Recife⁵.

Por ser uma página aberta no Facebook, qualquer usuário dessa rede pode acessar o seu conteúdo e interagir com ele através de reações (novo recurso disponibilizado para demonstrar que tipo de sentimento o usuário teve sobre uma postagem), curtidas, compartilhamentos e comentários, o que permite uma relação mais íntima da memória presente na Recife de Antigamente e as pessoas que a estão acessando.

Destarte, temos a Recife de Antigamente como um ambiente de memória on-line onde diversos usuários do Facebook compartilham seus registros sobre os períodos passados da cidade do Recife, o que nos traz uma perspectiva de uma memória que é construída de forma colaborativa e compartilhada, onde cada um pode trazer suas impressões sobre o

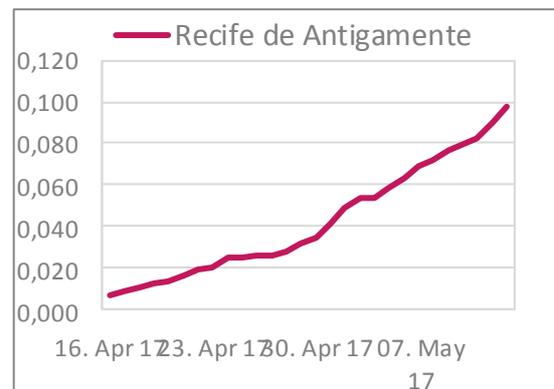
que foi, o que é e o que talvez venha a ser o Recife.

A partir disto, foi realizada à análise da página, utilizando a versão gratuita da ferramenta de análise de mídias sociais *FanpageKarma* com o intuito de verificar o formato de postagens e o interesse dos usuários de um site de rede social pela memória local de uma cidade por meio de uma página do Facebook.

O período da análise foi de 16/04/2017 a 13/05/2017. Até o último dia compreendido pela análise a Recife de Antigamente apresentava o quantitativo de 126.360 (cento e vinte seis mil trezentos e sessenta) pessoas que curtiam a página.

Além do grande número de pessoas que seguem a página, de acordo com o gráfico um, trazido pela *FanpageKarma*, existe uma curva de crescimento em relação ao número de seguidores da página.

Gráfico 1– Crescimento de interação dos usuários com as postagens



Fonte: dados da pesquisa

Ademais em relação ao conteúdo disponibilizado na página foram verificadas as formas de interação dos usuários com o conteúdo da página. Uma vez que a interação é o que corresponde ao engajamento dos usuários da página, o que por sua vez, é referente ao grau de participação e envolvimento de determinado perfil ou grupo de pessoas em relação a um tema ou assunto. (SILVA, 2012 *apud* SANTANA JUNIOR *et al*, 2014). Desta forma o engajamento é importante, pois mostra que a página não é só mais um enfeite na linha do tempo dos seus

5

<https://www.facebook.com/recantigo/videos/1861237547350120/>

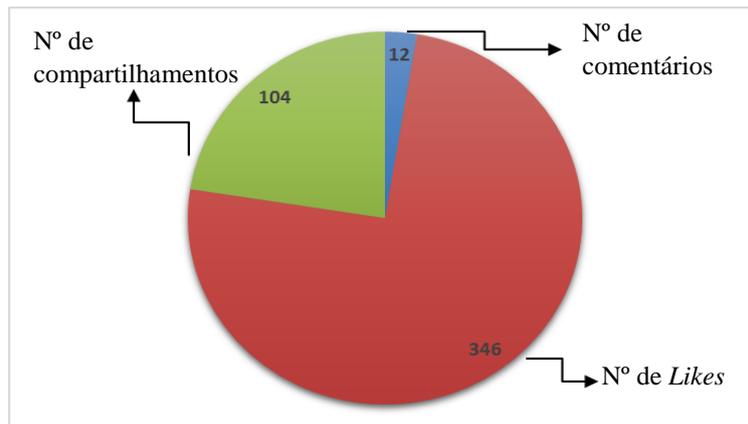


seguidores e que de alguma forma seu público interage com o conteúdo disponibilizado.

Assim, como for mostrado no gráfico dois, foram trazidos os quantitativos de comentários por postagens, *likes* por postagens e compartilhamentos por postagens

das publicações. Além destas formas de engajamentos, segundo Vanti e Sanz Casado (2016) também funcionam como medidas de repercussão social de conteúdos presentes em mídias sociais.

Gráfico 2 – Médias dos tipos de interação por postagens



Fonte: dados da pesquisa

A repercussão social é importante, pois através dela o conteúdo pode ser visualizado por pessoas que estão fora da rede principal da página, ou seja, pessoas que não são seguidoras da página. Pois, uma vez que se um seguidor da página curtir, comentar ou compartilhar uma postagem da Recife de Antigamente, uma pessoa da rede desse seguidor que não curte a página vai poder ver essa postagem.

Além disto, a forma de interação que mais merece destaque são os comentários, uma vez que eles são o nível mais próximo de engajamento (HAUSTEIN; BOWMAN; COSTAS, 2016). Outro ponto é que são eles

que caracterizam a criação de uma memória coletiva dentro de uma RSO, pelo fato de que de acordo com Halbwachs (1990), encontram-se as pistas para a reconstrução do passado individual e coletivo em imagens e conversas. Neste sentido os comentários da página são as conversas.

No caso da Recife de Antigamente os comentários agregam mais conteúdo as postagens, os usuários as complementam a partir de seus saberes e experiências, como mostra a figura dois, onde um usuário associa a imagem postada com a construção do atual aeroporto do Recife.

Figura 2 – Contribuição de um usuário da página que diz: “lembrando que foi os americanos q construíram a pista de pouso do Ibura onde hj é o aeroporto internacional Gilberto Freyre”



Fonte: Recife de Antigamente

Além de comentários que ajudam a reconstruir a história da cidade, existem comentários que guardam uma memória afetiva do Recife, como a saudade de algo que já existiu e que se perdeu, ou um evento que marcou as pessoas. Por exemplo, o boato de que a barragem de Tapacurá havia estourado ocorrido na década de setenta como mostra a figura três. É necessário ressaltar

que, apesar da média de comentários apresentou um valor relativamente baixo, porque o algoritmo da *FanpageKarma* divide o número de comentários pelo número de postagens, o que pode gerar distorções, uma vez que algumas postagens não apresentam comentários e outras apresentam grande número de comentários.

Figura 3 – Usuários da página falam do dia em que foi divulgado o boato em que a barragem Tapacurá havia estourado: “eu vivi esse momento triste. Foi uma loucura a cidade todo em pânico por conta de um boato...”.

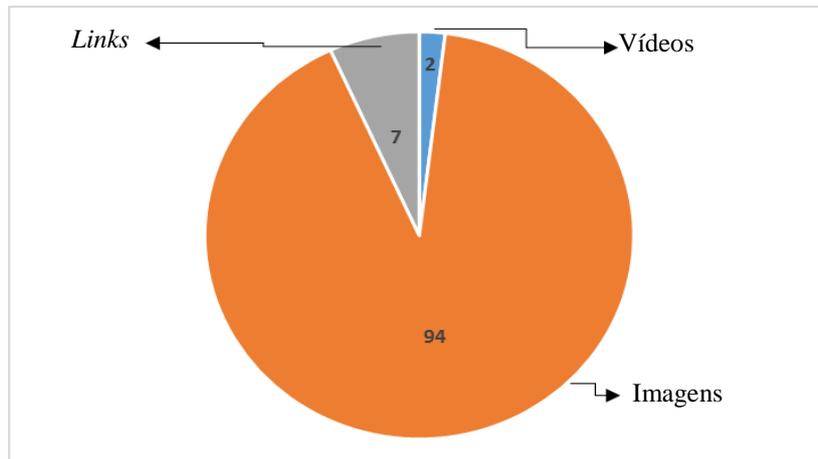


Fonte: Recife de Antigamente

Outro ponto da análise determinou o formato de conteúdo mais utilizado na página, conforme o gráfico três foi realizado 103 postagens durante o período da análise, o que dá uma média de 3.7 postagens por dia. Foi

verificada uma forte presença de imagens, porém também são postados alguns *links* que direcionam para sites que trazem textos sobre o passado do Recife e em menor número vídeos.

Gráfico 3 – Formato de postagens



Fonte: dados da pesquisa

Por fim, foi verificada a utilização de *hashtags*, como forma de indexar os conteúdos, pois isso facilitaria à recuperação da memória presente dentro da página, uma vez que as *hashtags* são um tipo de *link* e *tag*, criada pelos usuários na web, que de forma coletiva representam, organizam e recuperam dados na rede (AQUINO, 2007).

As *hashtags* são importantes, pois os conteúdos colocados em páginas dentro do Facebook não são indexados por buscadores online, como o Google, por exemplo, e tendem a se perder a medida que novos conteúdos são criados, pois a organização

dentro de uma página desse tipo de rede social online é sempre iniciada pela postagem mais recente o que faz com que as mais antigas se percam na linha do tempo da página.

Conforme mostrada pela figura quatro a página apresenta pouco uso e engajamento com *hashtags*, o que dificulta a recuperação das postagens dentro do Facebook. É a dificuldade de recuperar a postagem pode levar a problemática do esquecimento, não pela falta de um suporte, mas por não recuperar a memória registrada no suporte online que é a RSO.

Figura 4 – Uso e engajamento de *hashtags*

Fonte: dados da pesquisa

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou trazer à luz como é a dinâmica de um espaço de memória local dentro do Facebook. Pelo breve acompanhamento de um mês da página Recife de antigamente foi possível notar que o tema memória gera interesse na audiência das RSO, como pode ser notado no gráfico que mostra que a interação está em formato crescente.

Outro ponto é que um espaço virtual como a Recife de antigamente funciona como uma forma de resistência da memória local, que é muitas vezes ignorada pelo poder público, e como a evolução tecnológica pode ser útil para o ser humano. Neste sentido, Cancline (1999) citado por Cavalcante *et al.* (2015), argumenta que a divulgação das tradições locais adquire sentido e eficácia sem resistências à modernidade, ou seja, a modernidade pode ser uma forma de defesa da memória local.

Continuamente a variedade de formato de registros presentes na página indica a versatilidade dos formatos de registros da memória. E em um espaço de interação das redes sociais online, um texto, foto ou vídeo formam o mosaico de uma memória coletiva.

Contudo, a reflexão sobre RSO como espaços de memória e análise da Recife de Antigamente leva a alguns questionamentos. É necessário destacar que a memorial local

presente em um site de rede social é acessível apenas a quem tem acesso a internet e possui um conta na RSO. Desta maneira indivíduos que por falta de condição econômica ou opção não tenham estejam inclusos no ambiente virtual não terão acesso a memória que lá está presente. O que leva a visão trazida por Castells (2003) da divisão de indivíduos que estão dentro e fora da rede, onde, o que está dentro usufrui de sua benesses e quem está fora é cada vez mais excluídos dos processos sociais.

Outro ponto é a questão do esquecimento. Como afirmam Holanda e Silveira (2010) nesses espaços não há um planejamento visando a recuperação da memória. A própria forma de organização das postagens, onde as mais recentes vem primeiro, facilita o esquecimento, uma vez que torna dificultosa à recuperação das postagens antigas, principalmente quando o fluxo de postagens é intenso. Assim o conteúdo é esquecido por não poder ser encontrado.

As *hashtags* podem ser uma forma de lidar com o esquecimento no ambiente online, já que a informação fica armazenada e pode ser recuperada através da *tag* (etiqueta) que o próprio usuário criou (AQUINO, 2007). Contudo é necessário que os usuários a criem e possa interagir com elas, o que leva a novos questionamentos sobre a eficiência de seus uso e sua adequação nas diversos sites de redes sociais existentes.

Portanto a relação de memória e redes sócias online se apresenta como um campo fértil de estudos para a Ciência da Informação. A Ciência da informação possui um enorme arcabouço para lidar com a memória, e o ciberespaço se apresenta como

um desafio para esse arcabouço. O ciberespaço está lá como William Gibson apresenta em seu *Neuromancer*, um ambiente de imagens, símbolos, figuras, rostos, uma mandala de informação até então oculta.

ONLINE SOCIAL NETWORKS AS MEMORY SPACES: A VISION FROM THE PAGE "RECIFE DE ANTIGAMENTE"

Abstract

Discuss online social networks as memory spaces. It discusses the reaction between memory and information to later reflect on the concept of memory and its relationship with identity, society, collective memory and memory registry spaces. Finally brings an analysis of the Facebook page "Recife de Antigamente" in order to show, in an introductory way, how the dynamics of a space destined to local memory in a virtual and global environment.

Keywords: Facebook. Memory. Collective Memory. Online Social Networks.

Artigo recebido em: 26/08/2017
Aceitação definitiva em: 13/12/2017

REFERÊNCIAS

AQUINO, M. C. Hipertexto 2.0, folksonomia e memória coletiva: Um estudo das tags na organização da web. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação**, [s.i], v. 9, n. 1, p.1-18, ago. 2007. Disponível em:

<<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/165/166>>. Acesso em: 08 fev. 2017.

ALVES, C. D. INFORMAÇÃO NA TWITTOSFERA. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 9, n. 1, p.92-105, jul/dez. 2011.

AZEVEDO NETTO, C. X. de. Preservação do patrimônio arqueológico: reflexões através do registro e transferência da informação. **Ci. Inf.** [online]. 2008, vol.37, n.3, pp.7-17. ISSN 0100-1965.

<<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652008000300001>>

CAVALCANTE, A. P. P. et al. Suricate Seboso no Facebook. **Liinc em Revista**, [s.l.], v. 11, n. 1, p.223-232, 28 maio 2015. *Liinc em Revista*. <<http://dx.doi.org/10.18225/liinc.v11i1.777>>

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

DALMASO, S. A construção da memória nos sites de redes sociais: Percepções sobre experiências no Facebook. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 10, 2015, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2015.

- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Vértice: Ed. Revista dos Tribunais, 1990.
- HAUSTEIN, S.; BOMWAN, T. D.; COSTAS, R. Interpreting "Altmetrics": Social Media through the Lens of Citation and Social Theories. In: SUGIMOTO, Cassidy R. **Theories of Informetrics and Scholarly Communication**. [s.i]: de Gruyter, 2016. p. 373-405.
- HENNINGER, M.; SCIFLEET, P. How are the new documents of social networks shaping our cultural memory. **Journal Of Documentation**, [s.l.], v. 72, n. 2, p.277-298, 14 mar. 2016. Emerald.
<<http://dx.doi.org/10.1108/jd-06-2015-0069>>
- HOLANDA, A. B.; SILVEIRA, M. A. O esquecimento no ciberespaço: Um novo enigma para o estudo sobre memória na Ciência da Informação. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 16, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- LAZZARIN, F. A.; NETTO, C. X. de A.; SOUSA, M. R. F.de. Informação, memória e ciberespaço: considerações preliminares no campo da Ciência da Informação no Brasil. **Transinformação**, [s.l.], v. 27, n. 1, p.21-30, abr. 2015. FapUNIFESP (SciELO).
- LE COADIC, Y-F. **A ciência da informação**. 2. ed. rev. e atual. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2004. 124 p.
- LE GOFF, J. **História e memória: escrita e literatura**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.
- LEVY, P. **A inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998b.
- MARTELETO, R.M: VALLA, V.V. Informação e educação popular - o conhecimento social no campo da saúde. **Perspectiva em CI. inf.** Belo Horizonte, N. especial, jul/dez.2003. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/648>>. Acesso em: 05 jun. 2017.
- MONTEIRO, S.D.; CARELLI, A. E.; Ciberespaço, Memória, Esquecimento. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 8, 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2007.
- MONTEIRO, S.; CARELLI, A.; PICKLER, M. E. Representação e memória no ciberespaço. **Ci. Inf., Brasília**, v. 35, n. 3, p.115-123, dez. 2006.
- PASSOS, M. R. Conservação da memória Política no Twitter: A transmissão da narrativa chavista no microblog. In: Alaic 2014, Perú. **Anais...** Perú: PUCP, 2014.
- RENDEIRO, M.E. Orkut e Facebook: as teias da memória em meio às redes sociais. **Ciências Sociais: Unisinos**, São Leopoldo, v. 47, n. 3, p.1-7, set/dez 2011. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2011.47.3.08/625>. Acesso em: 03 jun. 2017.
- SANTANA JÚNIOR, C. L. A. et al. Utilizando google analytics como ferramenta para monitorar a audiência de blogs. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, v. 15, 2014.
- SMOLKA, A. L. B. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educação & Sociedade**, ano 21, n.71, p. 166-193, jul. 2000.
- THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em <<https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2015/11/a-midia-e-a-modernidade-john-thompson.pdf>>. Acesso em 20 de jun. 2017.
- VANTI, N. A. P. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, [s.l.], v. 31, n. 2, p.369-379, ago. 2002. FapUNIFESP (SciELO).

WEBER, C. #santamaria #boatekiss: Como a Cobertura da Maior Tragédia do Rio Grande do Sul foi Armazenada na Memória das Redes Sociais. **Sess. Imag.** (online), [s.l.], v. 20, n. 33, p.87-94, 10 nov. 2015. EDIPUCRS.

ZAGO, G.; SILVA, A. L. M. da. Jornalismo e mídias sociais: a representação da memória coletiva através das apropriações no especial multimídia #memorial1109. **Contemporânea: comunicação e cultura**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p.89-106, abr. 2013.